

SEXUALIDADE E ADOLESCENTE: PARTICIPAÇÃO DOS PAIS NA EDUCAÇÃO SEXUAL DOS FILHOS

José Mardônio de Araújo de Oliveira¹, Grayce Alencar Albuquerque², Isabela Freire de Menezes³, Áquila Priscila Pereira Barros⁴, Bruna Larisse Pereira Lima⁵, Vanessa Vieira David Serafim⁶, Sáskya Jorgeanne Barros Bezerra⁷, Kelliane Vieira da Silva⁸, Valeska Virginia Freitas de Santana⁹.

¹Discente do curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Regional do Cariri – URCA; Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq. Email: mardonyo@hotmail.com

²Enfermeira; Doutora; Docente na Universidade Regional do Cariri – URCA; Líder do Grupo de Pesquisa em Sexualidade, Gênero, Diversidade Sexual e Inclusão – GPESGDI. Email: geicyenf.ga@gmail.com

³Enfermeira. Graduada pela Faculdade de Juazeiro do Norte – FJN. Email: belissimath@hotmail.com

⁴Discente do curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Regional do Cariri – URCA; Bolsista da Pró-Reitoria de Extensão – PROEX; Membro do Grupo de Pesquisa em Sexualidade, Gênero, Diversidade Sexual e Inclusão – GPESGDI. Email: appdebarros@hotmail.com

⁵Discente do curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Regional do Cariri – URCA; Bolsista da Pró-Reitoria de Extensão – PROEX; Membro do Grupo de Pesquisa em Sexualidade, Gênero, Diversidade Sexual e Inclusão – GPESGDI. Email: bruna_la_risse@hotmail.com

⁶Discente do curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Regional do Cariri – URCA; Bolsista da Pró-reitoria de Pós-graduação e Pesquisa – PRPGP; Membro do Grupo de Pesquisa em Sexualidade, Gênero, Diversidade Sexual e Inclusão – GPESGDI. Email: vanessa_serafimm@hotmail.com

⁷Discente do curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Regional do Cariri – URCA; Bolsista da Pró-Reitoria de Extensão – PROEX; Membro do Grupo de Pesquisa em Sexualidade, Gênero, Diversidade Sexual e Inclusão – GPESGDI. Email: saskyalu@hotmail.com

⁸Discente do curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Regional do Cariri – URCA; Bolsista da Pró-reitoria de Pós-graduação e Pesquisa – PRPGP; Membro do Grupo de Pesquisa em Sexualidade, Gênero, Diversidade Sexual e Inclusão – GPESGDI. Email: kellyshow@hotmail.com

⁹Discente do curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Regional do Cariri – URCA; Bolsista da Pró-reitoria de Extensão – PROEX; Membro do Grupo de Pesquisa em Sexualidade, Gênero, Diversidade Sexual e Inclusão – GPESGDI. Email: valesksantana31@hotmail.com

RESUMO

Inúmeras vezes, em decorrência de mitos, tabus e constrangimentos, o diálogo entre pais e filhos adolescentes sobre a fase da adolescência e sua relação com a sexualidade é inexistente, o que eleva nos adolescentes riscos à sua saúde. O estudo objetivou compreender a percepção dos adolescentes sob a participação dos pais na educação ligada à sua sexualidade. Realizou-se uma pesquisa qualitativa com 15 adolescentes de uma Escola de ensino médio do município de Terra Nova, Pernambuco, que responderam a uma entrevista semiestruturada. Os dados foram categorizados em discursos e analisados à luz da literatura pertinente. O estudo respeito a resolução 466/12. Os adolescentes apontam a dificuldade de abordagem desta temática com os pais, apontando o medo, a vergonha e o constrangimento como motivos impeditivos. Apesar de manterem boas relações com genitores, esse assunto não é abordado coexistindo dúvidas e incertezas dos adolescentes quanto à esta temática. Faz necessário o estímulo dos pais para atuarem como mediadores da educação sexual dos filhos, fortalecendo-se além do vínculo, a redução de agravos.

Descritores: Adolescente, Pais, Educação sexual.

1 INTRODUÇÃO

A adolescência é um período de transição entre a infância e a idade adulta, e como fase própria possui características singulares nos campos biológicos, psicológicos e sociais. A primeira tem vários percursos no desenvolvimento do sujeito, das quais é importante destacar a ocorrência da puberdade e a separação das figuras parentais. A segunda é o caminho essencial do desenvolvimento social e a busca por suas identidades (MORAIS, VITALLE, 2012).

Com o crescimento e desenvolvimento que se manifesta por marcantes transformações anatômicas, fisiológicas, psicológicas e sociais, a adolescência é a etapa na qual o indivíduo busca a identidade adulta, apoiando-se nas primeiras relações afetivas, já interiorizadas que teve com seus familiares e verificando sua inserção e seu papel na sociedade (BRÊTAS et al., 2011). Nessa fase, os adolescentes aprendem a conhecer e a lidar com suas emoções, a exercitar o papel masculino e feminino, embora dúvidas, conflitos, certezas e incertezas estejam presentes e fazem parte dessa fase, principalmente frente à vivência da sexualidade.

De acordo com Vilar e Souto (2008) a sexualidade é uma energia que encontra a sua expressão física, psicológica e social no desejo de contato, ternura, amor e intimidade. Integra-se no modo como as pessoas se sentem, se movem, se tocam e são tocados; é ser-se sensual e ao mesmo tempo sexual, ou seja, a sexualidade é uma manifestação psicoafetiva individual e social que transcende sua base biológica, o sexo. Entretanto, os tabus existentes, somados às normas sociais que não aceitam algumas manifestações sexuais, devido à cultura, religião, e até mesmo a educação que repassadas de geração em geração, geram sentimentos de culpa e preconceitos no adolescente, que se refletem num desajuste sexual acompanhado de preocupações, ansiedades e/ou problemas. Neste sentido, faz-se necessárias ações voltadas à educação sexual dos adolescentes.

Para Fonseca (2004), a educação sexual é uma competência da família, pois é peça chave na formação da identidade de gênero e no desempenho dos papéis sexuais de seus filhos. A família mesmo que não dialogue sobre sexualidade, é quem dá as primeiras noções sobre o que é adequado, ou não, por meio de gestos, expressões, recomendações e proibições.

Percebe-se que atualmente, independentemente da participação familiar no processo educativo, a temática sexualidade está sendo bastante debatida na sociedade e nos meios de comunicação, como a televisão, o rádio e a internet, o que têm influenciado diretamente o comportamento do adolescente com um bombardeio de informações em sua maioria, distorcidas sobre a sexualidade, elevando-se os riscos à saúde dos adolescentes.

Potencializando esses riscos, pode-se observar que os pais deixam os professores e profissionais de saúde com a grande responsabilidade frente à educação sexual dos adolescentes. Essa condição implica em redução da interação entre pais e filhos, perdendo-se a confiança e elevando-se a insegurança quanto a abordagem desta temática, o que pode interferir futuramente, a exemplo da infecção por Doenças Sexualmente Transmissível (DST's) ou uma gravidez indesejável.

Com base no exposto, surgem algumas indagações: Como os adolescentes percebem a educação que seus pais lhes transmite sobre a sexualidade? Ela acontece? Como é a relação entre pais e filhos no processo de educação sexual?

Afim de responder aos questionamentos acima, a presente pesquisa teve como objetivo compreender a percepção dos adolescentes sob a participação dos pais na educação sexual.

Acredita-se, que este estudo possa contribuir e influenciar pais, como também os profissionais de educação e saúde, para a necessidade de participação dos pais como o principal educador, na educação dos seus filhos em relação à sexualidade. Poderá também proporcionar aos profissionais de saúde, estratégias que possam ajudar aos pais no que diz respeito às orientações a serem transmitidas e dialogadas com os adolescentes, respeito e aceitação das escolhas que estes venham a ter na sua vida sexual.

2 METODO

Trata-se de um estudo exploratório, de natureza qualitativa. Nesse sentido, o estudo qualitativo conforme Goldenberg (1999, p. 27), “produz conhecimentos úteis para a solução de problemas sociais concretos”. Neste sentido, identificar prováveis dificuldades na educação sexual dos pais frente à sexualidade dos filhos poderá propiciar na elaboração de estratégias de intervenção.

Assim, a pesquisa foi realizada com adolescentes de uma escola do ensino médio na cidade de Terra Nova, Pernambuco.

O período de realização da pesquisa aconteceu entre os meses de novembro de 2013 a janeiro 2014, incluindo coleta, análise dos dados obtidos e elaboração do relatório final da pesquisa.

Os critérios utilizados para a inclusão dos adolescentes na pesquisa foram: ter idade entre 15 a 18 anos, visto que alguns estudos comprovam que nesta idade os adolescentes já iniciam a sua vida sexual, estar devidamente matriculado na escola e ter autorização dos pais ou responsável para participarem da pesquisa, mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) pelos genitores. Aos adolescentes foi solicitado a assinatura de um Termo de Assentimento (TA).

Participaram da pesquisa 15 adolescentes selecionados de forma aleatória após acesso da lista de frequência. Para aqueles que aceitaram em participar do estudo, foi solicitado assinatura do TA, entregue TCLE para assinatura dos pais e agendamento da data da coleta, que aconteceu em ambiente tranquilo e privado, com média de duração de 10’.

Os dados foram coletados por meio de uma entrevista semiestruturada, abordando-se os aspectos referentes à educação sexual entre os pais e adolescentes, bem como o relacionamento existente entre ambos. De acordo com Minayo (2004), a entrevista é o instrumento mais usado no trabalho de campo. Através dela o pesquisador obtém informações contidas na fala dos entrevistados, enquanto sujeito-objeto da pesquisa que vivenciam uma determinada realidade que está sendo estudada.

Com finalidade de organização do material obtido nas entrevistas, realizou-se uma análise do conteúdo em três fases, de acordo com os pressupostos de Bardin (2008) onde foi realizada a leitura do material coletado para o conhecimento de todos os textos, identificação dos pontos convergentes, representativos e significativos ao tema, exploração do material empírico através da elaboração de um inventário de todas as falas, separando-se e codificando-se os trechos dos discursos através dos depoimentos gravados, classificando-os por semelhança na medida em que foram encontrados com base na literatura e normatização, dividindo-se os mesmos em categorias e analisando-os através do uso da literatura pertinente.

A pesquisa respeitou os aspectos éticos e legais, de acordo com a Resolução Nº 466/12. Esta Resolução incorpora sob a ótica do indivíduo e das coletividades os quatro referenciais básicos da bioética: autonomia, não maleficência, beneficência e justiça, entre

outros, e visa assegurar os direitos e deveres que dizem a respeito à comunidade científica, aos sujeitos da pesquisa e ao estado.

3 ANÁLISE E APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

3.1 Caracterização dos entrevistados

Foram entrevistados 15 adolescentes, sendo quatro do sexo masculino e 11 do sexo feminino, variando suas idades entre 15 e 17 anos de idade, conforme Tabela 01.

VARIAVEL	N ^a	%	TOTAL
Sexo			
Masculino	04	26,6%	15
Feminino	11	73,3%	15
Idade			15
15 anos	06	40%	15
16 anos	02	13%	15
17 anos	07	46,6%	15

Fonte: Coleta de dados direta, 2013.

A realização da entrevista com os adolescentes, momento em que foram questionados sobre participação dos pais na educação sexual, resultou na elaboração de duas categorias: i) Pais e filhos: Relacionamento e Educação Sexual e ii) Adolescente: Conhecimento e Experiência Sexual.

3.2 Pais e Filhos: Relacionamento e Educação Sexual

O grupo familiar exerce um papel fundamental na formação de crianças e jovens, sendo importante na determinação e organização da personalidade, além de influenciar significativamente no comportamento individual por meio das ações e medidas educativas tomadas (FONSECA, GOMES, TEIXEIRA, 2010).

O relacionamento familiar proporciona a sustentação da afetividade e também influência na educação de seus membros, pois é nela que são aprendidos os valores éticos e humanitários necessário para viver em sociedade (ALMEIDA, CENTA; 2009).

Diante desse pressuposto, os depoimentos a seguir revelam que a maioria dos entrevistados possui um bom relacionamento com seus pais, seguindo orientações transmitidas por estes e respeitando a hierarquização e autoridade paternal, embora outros apontem não vivenciar essa realidade, podendo gerar conflito familiar, dificultando-se assim o convívio entre os membros da família.

“uma relação normal, me alertando e dando conselhos” (Entr. 02).

“com minha mãe a relação é ótima, com meu pai é mais ou menos” (Entr. 04).

“definiria em uma relação boa e bem agradável.” (Entr. 07).

“muito ruim.” (Entr. 10).

Com base nos depoimentos acima, verifica-se a maioria dos adolescentes mantêm um bom relacionamento com os pais, havendo destaque para o maior vínculo com a mãe, reforçando-se os estereótipos de gênero.

Para Fonseca, Gomes e Teixeira (2010) a família tem uma grande influência na formação dos adolescentes, na qual os pais transmitem os valores que cada família adota como seus e esperam que as crianças e adolescente os assumam. Esses valores na maioria das famílias são transmitidos de forma rígida e autoritária, dificultado o relacionamento como também a comunicação entre pais e filhos, pois os jovens acabam por não confiar em seus pais para abordar assuntos, principalmente se vinculados a sexualidade, como mostra nos depoimentos a seguir:

“Tenho dificuldades em falar sobre sexo, porque apesar de ser um tema normal, quando se vai falar gera um pouco de vergonha e constrangimento” (Entr. 04).

“O medo da reação deles, ao saber que queremos falar ou saber de determinado assunto.” (Entr. 05).

“Tenho dificuldade de me abrir com eles porque eles são muito ignorante.” (Entr. 13).

“Tenho medo deles não entenderem o meu ponto de vista, o medo da decepção, da reação deles e do que pode acontecer depois” (Entr.14).

Observa-se pelos relatos que o tema sexualidade gera nos adolescentes receios e constrangimentos se abordados com os genitores. Muitos deles apontam o medo da reação dos pais quanto à curiosidade dos adolescentes sobre o tema, principalmente se os pais adotam uma postura rígida e tradicional de sexualidade conservadora. A possibilidade de decepção dos pais quanto à imagem dos adolescentes também é considerada obstáculo para abordagem deste tema.

Dessa forma as dificuldades apontadas pelos adolescentes em procurar os pais para esclarecimento de dúvidas sobre o assunto pode estar relacionada à proibição cultural do sexo, ausência de diálogo, tons de ameaça o que impede a fluidez da conversa em família, implicando em ausência total deste assunto no diálogo entre pais e filhos.

“Não, porque não gosto de falar sobre isso com eles.” (Entr. 10).

“Nunca abordei.” (Entr. 12).

Diante de todos esses fatores que dificultam o diálogo, apenas dois dos participantes da pesquisa já abordaram os pais em busca de informações sobre a sexualidade, embora com certo constrangimento e vergonhas que foram vencidos.

“já sim, mas me senti um pouco com vergonha e ao mesmo tempo aliviado” (Entr. 02).

“sim, envergonhada” (Entr. 14).

Para Almeida e Centa (2009) os pais muitas vezes não sabem como agir diante das demonstrações e questionamentos sobre sexualidade dos filhos, pois não é uma tarefa fácil aceitar e entender a maneira de pensar dos jovens. Mesmo assim, faz-se necessário que pais e filhos procurem compreender e vivenciar esta etapa da vida, valorizando seus conhecimentos, sua história e suas crenças para que a família se constitua em um espaço essencial na formação dos indivíduos. É o que se verifica em alguns depoimentos, em que os pais tomaram a iniciativa da abordagem.

“sim, apenas a questão da gravidez na adolescência.” (Entr. 01).

“já sim, sobre o que pode acontecer se não me prevenir e me cuidar, porque tudo pode acontecer nessa fase da vida.” (Entr.02).

“sim, só dizem que eu tenho que ter cuidado para não trazer problemas nem pra mim nem para eles.” (Entr.03).

“não necessariamente sexo e sim sobre DST. Não tão abertamente, o suficiente, o necessário.” (Entr. 04).

Como se pode observar o motivo para que os pais dialoguem com seus filhos sobre sexualidade repousa na preocupação voltada para questões relacionadas à gravidez indesejada e doenças sexualmente transmissíveis, em um processo biologicista e não se contemplando as dúvidas, prazeres e anseios que a sexualidade pode proporcionar. Entretanto, outros participantes da pesquisa relataram que seus pais nunca abordaram sobre a sexualidade.

“não.” (Entr. 07).

“não, acho que eles se sentem mais envergonhados do que nós mesmos.” (Entr. 14).

Nessa perspectiva, os pais restringem ou fogem do diálogo acerca da sexualidade, talvez por receio de promover o início da atividade sexual precoce do adolescente. Segundo Bruzamarello (2010) o receio dos pais em falar sobre a sexualidade é embasado na crença de que a conversa sobre sexualidade pode induzir o adolescente a iniciar precocemente a atividade sexual, e por isso alguns pais e mães silenciam sobre o assunto.

3.3 Adolescentes: Conhecimento e Experiência Sexual

Nesse sentido, com a deficiência ou falta de comunicação sobre a sexualidade com os genitores, associado ao ambiente familiar conflituoso e estilo parental autoritário, os

adolescentes adquirem baixa confiança na busca de informações sobre sexualidade com os pais, favorecendo-se a busca de conhecimentos em outras fontes tais como amigos (principalmente se já possuem experiência sexual), na escola e em meios de comunicação como a internet.

“a boca do povo.” (Entr. 03).

“às vezes a professora de biologia.” (Entr.04).

“na escola, amigos e internet.” (Entr. 05).

“algumas colegas minhas que já fizeram sexo.” (Entr. 10).

“conversando com amigos que já estão casados ou já teve relação sexual.” (Entr.14).

Na maioria das vezes os jovens acabam recorrendo a outras pessoas que não sejam os pais em busca de informações, procurando dirimir suas dúvidas sobre sexualidade, como foi possível observar nos discursos acima. Geralmente essas informações são adquiridas de experiências e vivências de outras pessoas, que nem sempre são seguras. Nota-se em um dos discursos que a escola vem sendo uma saída para obter informações necessárias e coerentes acerca da sexualidade.

Para Moraes e Vitale (2012) o saber popular sobre sexualidade diz respeito à informação, ou seja, a organização dos conhecimentos que um grupo possui a respeito de um objeto social e este pode não estar correto.

Analisando-se o conhecimento dos adolescentes sobre sexualidade, observa-se que os entrevistados possuem certo conhecimento sobre o assunto, embora os mesmos tenham foco nas doenças sexualmente e prevenção de gravidez e outros relatam que não possuem nenhum tipo de conhecimento.

“basicamente o que se aprende na escola.” (Entr.04).

“é algo que devemos ter muito conhecimento para poder praticá-lo, pois se não acabamos nos prejudicando.” (Entr. 05).

“nenhum conhecimento.” (Entr. 06).

“Sei que é um assunto que causa muita polêmica, constrangimento, mas é algo onde nos jovens temos várias dúvidas.” (Entr. 07).

“sexo é coisa muito normal para as que fazem sexo, mais toda vez que for fazer sexo tem que se prevenir.” (Entr. 10).

“sobre os métodos contraceptivos, posições, o que acontece na primeira relação, as doenças transmissíveis e como pegar uma gravidez.”(Entr.14).

Entretanto, mesmo os adolescentes possuindo certo conhecimento acerca da temática, os discursos evidenciam uma preocupação acerca das consequências que uma prática sexual insegura pode proporcionar à saúde. Apontam que o conhecimento adquirido é o que se aprende nas instituições de ensino.

Alguns adolescentes afirmam que embora com conhecimento restrito, tiveram uma boa experiência na primeira relação sexual.

“foi bastante legal, pois tive com alguém que tinha experiência.” (Entr. 01).

“fiquei muito nervoso e tive ejaculação precoce.” (Entr. 03).

“foi uma experiência boa, mas que não aconteceu no momento certo.” (Entr. 05).

“não tinha tanta experiência, mas a pessoa com quem tive a minha 1ª vez tinha me ajudado a me sentir a vontade.” (Entr. 14).

Com a vida sexual iniciada é importante que os adolescentes procurem utilizar algum método contraceptivo, prevenindo-se assim uma gravidez indesejada e/ou uma doença sexualmente transmissível, com destaque para a camisinha. Segundo Freitas e Dias (2010) os adolescentes têm direito ao sigilo sobre sua atividade sexual e ao acesso gratuito aos métodos contraceptivos. A consciência desse direito implica reconhecer a individualidade do adolescente, estimulando a responsabilidade com sua própria saúde.

Conforme as falas abaixo alguns participantes da pesquisa revelam que já utilizam métodos contraceptivos, principalmente a camisinha e anticoncepcional e outros não utilizam nenhum método, mas reconhecem o melhor método a ser utilizado.

“sim, pílulas anticoncepcionais” (Entr. 04).

“sim, camisinha” (Entr. 14).

“não, mas é melhor usar camisinha do que remédio” (Entr 10).

Para Carvalho et al., (2012) a utilização de métodos contraceptivos tem um importante papel na prevenção da gravidez não planejada e na contaminação por DST's. O conhecimento dos adolescentes sobre os métodos contraceptivos e os riscos advindos de relação sexual desprotegidas é fundamental para que os mesmo possa vivenciar o sexo de maneira saudável, além de ser um direito que possibilita o exercício da sexualidade sem visar a reprodução.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização desta pesquisa permitiu conhecer a percepção dos adolescentes sob a participação dos pais na educação sexual. Sendo assim, ao analisar os dados deste estudo, foi possível identificar a falta de orientação e ausência de diálogo entre a família sobre a

sexualidade com os adolescentes, favorecendo com que os adolescentes procurem informações com amigos ou canais de comunicação, contribuindo assim para a prática de sexo inseguro e aquisição de informações erradas.

Faz-se necessário que os pais mantenham uma comunicação aberta com seus filhos. Embora seja difícil e conflituoso, o diálogo deve ser estimulado, pois é nessa fase que os filhos têm mais dúvidas e necessitam de receber informações, e se os pais não os fornecem, acabam buscando as respostas para suas dúvidas de forma insegura e incorreta.

É fundamental que os pais revejam suas atitudes diante das indagações dos seus filhos sobre a sexualidade, deixando para trás o preconceito e o constrangimento, pois esses fatores podem prejudicar para os pais a manutenção de um diálogo franco e aberto com seus filhos, ajudando assim a entender as manifestações presentes da sexualidade aflorada na fase de adolescência.

Diante destes achados, devem-se promover ações de educação em saúde, junto com profissionais de saúde, pais e professores, como também estimular os adolescentes a buscarem e tirar suas dúvidas nas Unidades Básicas de Saúde e nas instituições de ensino.

5 REFERÊNCIAS

ALMEIDA ACCH, CENTA ML. A família e a educação sexual dos filhos: implicações para a enfermagem. **Acta paul. Enferm**, 22 (1): 7-16, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ape/v22n1/a12v22n1.pdf>

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**; Lisboa (PT): Edição 70; 2008.

BRÊTAS JRS, OHARA CVS, JARDIM DP, JUNIOR WA, OLIVEIRA JR. Aspectos da sexualidade na adolescência. **Ciência & Saúde Coletiva**, 16(7):3221-3228, 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232011000800021

BRUZAMARELLO B. Educação sexual de adolescentes nas escolas: um olhar sobre o cenário brasileiro. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. (Monografia). Curso de Graduação em Enfermagem. Porto Alegre, 2010. 38p.

CARVALHO MTFV, BATISTA APL, FIGUEREDO MFS, BARBOSA AAD, MARINHOLM, CAITITE LC. Conhecimento dos Adolescentes de Montes Claros acerca do uso de Método Contraceptivos. **Rev. Norte Min Enferm**. 2012, 1 (1): 33-44. Disponível em: <http://www.renome.unimontes.br/index.php/renome/article/view/50>

FONSECA AD, GOMES VLO, TEIXEIRA KC. Percepção de adolescentes sobre uma ação educativa em Orientação sexual realizada por acadêmicos(as) de Enfermagem. **Esc. Anna Nery**, 2010, 14 (2): 330-337. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ean/v14n2/16.pdf>

FONSECA H. Abordagem sistêmica em saúde dos adolescentes e suas famílias. **Rev Adolescência e Saúde da UERJ**, 2006, 1(3): 6-11. Disponível em: <file:///C:/Users/Grayce/Downloads/v1n3a02.pdf>

FREITAS KR, DIAS SMZ. Percepção de Adolescentes sobre sua Sexualidade. Texto Contexto Enferm, Florianópolis, 2010, 19(2): 351-7 Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tce/v19n2/17.pdf>

GOLDENBERG M. **A arte da pesquisa: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais**. 3º Ed. Rio de Janeiro: Record, 1999.

MINAYO MCS. **Pesquisa social: teorias, métodos e criatividade**. Petrópolis: vozes. 2004.

MORAES SP, VITALLE MSS. Direitos sexuais e reprodutivos na adolescência. **Rev. Assoc. Med. Bras**, 2012, 58 (1): 48-52. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ramb/v58n1/v58n1a14.pdf>

VILAR D, SOUTO E. **A educação sexual no contexto da formação profissional**. Ed. Instituto do Emprego e Formação Profissional. Junho, 2008.